

Editorial

Editorial



política

Revista Compolítica

Ano 2025, v. 15, n.1

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2025.15.1.793

Fernanda Cavassana

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

[State University of Maringá]

Samuel Barros

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

[Federal University of Bahia]

Editorial

Fernanda CAVASSANA
Samuel BARROS

A Revista Compolítica apresenta mais uma edição, fruto do esforço contínuo de recuperação de seu calendário editorial. Neste número, reafirmamos o compromisso com a difusão de investigações que examinam, sob diferentes ângulos teóricos e metodológicos, as relações entre comunicação, política e sociedade. Reunimos aqui cinco artigos e uma resenha que, ainda que partam de objetos distintos, convergem para o debate sobre como a política contemporânea se organiza, é disputada e se ressignifica diante da midiaticização e dos atravessamentos das plataformas digitais. Da reinvenção das formas de representação aos embates simbólicos em torno da verdade e da legitimidade institucional, os trabalhos aqui reunidos oferecem um retrato plural de tensões constantemente problematizadas em nosso campo da Comunicação Política.

Abrimos a edição com o artigo “Das redes às ruas: campanhas de candidaturas coletivas eleitas em 2020”, de Mércia Alves, Tathiana Chicarino e Vera Chaia, que investigaram as estratégias comunicacionais mobilizadas, antes e durante a disputa eleitoral, por chapas coletivas vitoriosas naquele pleito. Ao tomar a coletividade como eixo organizador, essas experiências deslocam o modelo tradicional, ancorado na figura de um líder individual, e propõem outra gramática da representação. O texto ressalta que tais candidaturas se concentram, sobretudo, em legendas de esquerda, historicamente mais permeáveis à participação popular e à inovação política, o que favorece a presença de mulheres e de sujeitos de identidades diversas nas chapas. As autoras destacam, ainda, o caráter estratégico da ampliação do número de integrantes, a tendência de interiorização dessas candidaturas para fora dos grandes centros e os desafios de institucionalização. Nesse cenário, as redes sociais aparecem como instância decisiva de articulação e mobilização, papel intensificado pelas restrições impostas pela pandemia naquela disputa municipal.

Na sequência, as autoras Germana Plácido, Isabele Mitozo e Maria Paula Almada analisam a cobertura jornalística sobre gastos com alimentos no Portal de Compras do Governo Federal durante a pandemia. Intitulado “Da despensa à transparência: a cobertura de O Globo, Folha e Estadão sobre os gastos alimentícios do Executivo Federal em 2020”, o artigo debate os enquadramentos dados pelos veículos

em matérias de diferentes seções das edições digitais, tendo como ponto de partida o escândalo orçamentário com a divulgação dos valores gastos com itens como leite condensado e sorvete. Entre os resultados, as pesquisadoras apontam como nenhum dos jornais chegou a aprofundar o tema da transparência pública ao utilizar esses dados, a despeito do discurso de autolegitimação institucional de apresentarem o jornalismo como fiscal do poder público.

O terceiro artigo, “Apuração em tempo real: análise da construção de sentido das respostas no X do Tribunal Superior Eleitoral nas eleições de 2022”, de Marta Thaís Alencar, volta-se para a atuação da Justiça Eleitoral no enfrentamento à desinformação. A pesquisa toma como ponto de partida iniciativas como a página “Fato ou Boato” e o programa institucional que, desde 2020, articula um amplo conjunto de organizações públicas e privadas em torno do combate às narrativas enganosas que ameaçam o processo democrático. O estudo quantifica as checagens divulgadas pelo TSE e examina os sentidos produzidos pelos seguidores nas respostas às publicações do tribunal no X, mobilizando a noção de ciberacontecimento para pensar eventos que se constituem na própria circulação de sentidos na rede. A pesquisa mostra como, apesar da apuração de boatos em tempo real ao longo dos dois turnos de 2022, as publicações da corte tiveram alcance limitado diante da intensidade do fluxo desinformativo. Também traz um resultado que contraria a própria finalidade das ações e da instituição: os comentários revelaram que parte do público interpretou as verificações não como serviço à democracia, mas como gesto de censura e de cerceamento da livre manifestação.

Depois, Samuel André Alves Mateus, propõe uma reavaliação do lugar da erística no interior da tradição retórica no artigo “A erística na retórica política midiaticizada”. O autor sustenta que, nas sociedades contemporâneas moldadas pela mídia, assiste-se a um revigoramento dessa modalidade combativa do discurso, que reaparece inclusive em espaços nos quais se esperaria a prevalência da razão argumentativa. Recuperando as origens clássicas do conceito e caracterizando sua estrutura por meio de exemplos atuais, o texto identifica, na mídia e no debate político televisionado, um palco privilegiado para o exercício erístico, marcado por um discurso agressivo, contencioso e assentado numa lógica de antagonismo.

Compõe ainda esta edição um artigo de Rodrigo Maurício Freire Soares, cuja pesquisa foi premiada em 2º lugar no último Prêmio Compolítica de Teses e Dissertações. “Marca-lugar em Salvador (1986–2016): sentidos de cidade e políticas públicas” examina a construção da marca-lugar da capital baiana ao longo de três décadas, tomada como política pública de caráter multissetorial, com continuidades e

rupturas entre as sucessivas gestões municipais. Por meio de um estudo de caso apoiado no process tracing, o texto debate que, para além de sua materialidade urbana, a cidade se faz também de imagens e que a intensificação dos usos midiáticos abre novas territorialidades e arenas de disputa narrativa.

Este número se encerra com a resenha de Daniela Silva Neves sobre “Mirrors of whiteness: media, middle-class resentment and the rise of the far right in Brazil”, de Mauro P. Porto (University of Pittsburgh Press, 2023). A obra atribui à classe média branca brasileira um papel protagonista na chegada da extrema-direita ao poder em 2018. Por meio da articulação de raça, gênero e mídia, debate-se a tese de um ressentimento dessa camada social, agravado pela ascensão econômica das faixas mais pobres durante os governos do Partido dos Trabalhadores. Ao percorrer desde a relação histórica com o trabalho doméstico até a leitura de produtos culturais e jornalísticos, as raízes escravocratas da branquitude e o mal-estar diante da redução das desigualdades são expostos na obra. A resenhista destaca o tom pessoal com que Porto convoca o próprio leitor branco de origem privilegiada a se reconhecer nessa estrutura.

Ao reunir a análise das candidaturas coletivas, o enfrentamento institucional à desinformação, características do discurso político, a construção simbólica das cidades e o exame crítico das raízes midiáticas e raciais do avanço da extrema-direita, esta edição oferece um panorama das transformações que atravessam a comunicação política contemporânea. Agradecemos aos autores e às autoras pela confiança depositada na revista, aos pareceristas pelo trabalho cuidadoso e criterioso, à equipe editorial e a toda a comunidade de pesquisadoras e pesquisadores da nossa associação.

Desejamos uma excelente leitura.

Sobre os editores

Fernanda Cavassana é Doutora em Ciência Política e Mestra em Comunicação (UFPR), é professora do curso de Comunicação e Multimeios da Universidade Estadual de Maringá (UEM). É editora-chefe da Revista Compolítica.

Samuel Barros é Doutor e Mestre em Comunicação (UFBA) e professor do Departamento de Ciência Política (DCP) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCP) e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PósCom) na mesma instituição. Editor-chefe da Revista Compolítica.

E-mail: revista@compolitica.org.br